



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Do Catete à Tijuca

Pense nos anos 1960. Relembre, se lá esteve. Ou tente puxar pela memória a maçaroca de fotos, livros e canções que você associa ao período. Sim. Mas não prossiga antes que eu possa terminar. Não vale qualquer parte dos anos 1960. Como no antigo seriado *O túnel do tempo* é necessária alguma precisão, e sorte ou azar – como no caso da dupla de personagens que seguia de evento em evento pelo curso da História –, para alcançar um pouso seguro, ou ainda melhor, o lugar certo. Pois antes que sua mente se perca em alguma esquina parisiense, sob a sombra de um biquíni de bolinhas em Saint Tropez, ou pelas areias escaldantes de Ipanema, devo dizer que esse trem fantasma de cidade do interior terá destino inusitado (ao menos há de pensar a maioria). Façamos então um pouso rápido no tradicional bairro da Tijuca no Rio de Janeiro, com direito a um cafezinho numa quitinete do Catete, na ex-capital brasileira.

Pois era por ali que alguns rapazes andavam se encontrando no começo dos anos 1960, com um repertório de idéias que passava impreterivelmente por garotas e um tipo de música que não necessariamente tocava nas rádios de então. Mas também um pouco além. O corte de cabelo, a escolha da roupa não eram acessórios, mas compunham algo que, mesmo ainda no campo da intuição, formataria a cultura *pop* no Brasil.

Estamos no centro da eclosão da indústria do entretenimento que, hoje em sua milésima versão, invade com suas bocarras gulosas nosso cotidiano.

Mas de quem afinal eu estou falando? Calma. Deixe-me responder com outra pergunta. Você já ouviu falar em pilan-

tragem? Não, não, não. Isso não tem nada a ver com política. Ainda estamos nos anos 1960 e falo aqui de música.

Pois bem, diante da impossibilidade de reproduzirmos o trailer com os melhores momentos da cabecinha acelerada do eclético Carlos Imperial, a opção é a prazerosa leitura de três livros. Dois recentemente lançados, e um que passou despercebido pelas livrarias em 2008.

Em *Dez! Nota dez! Eu sou Carlos Imperial*, biografia escrita pelo jornalista e pesquisador Denilson Monteiro, temos a possibilidade de tomar contato com um personagem fundamental na formatação da cultura jovem no Brasil. Conterrâneo de Roberto Carlos, a quem tentou lançar como príncipe da Bossa Nova, neto do barão de Itapemirim, filho de banqueiro, Imperial era um multimídia, antes que o termo tomasse a acepção atual, circulando da produção de shows a programas de rádio e tevê, da composição musical à consultoria para a indústria fonográfica. Pioneiro entre os empreendedores da cultura *pop* no país é em seu escritório, trabalhando como seus auxiliares, que iremos encontrar nossos dois outros personagens: Erasmo Carlos e Wilson Simonal.

A autobiografia *Minha fama de mau*, é o sincero relato de Erasmo sobre algumas das mais saborosas passagens de sua longa trajetória. Da turma da Tijuca, da qual faziam parte Roberto, Tim Maia e Jorge Ben, à explosão da Jovem Guarda. De sua primeira banda, *The snakes*, agenciada por Imperial, aos anéis da grife Tremendão, mais um dos projetos que circundavam aquela geração de artistas, precursores do que hoje conhecemos como licenciamento de produtos.

Três livros que evocam os anos 60 e 70 contam a trajetória da “pilantragem” e de seus maiores personagens, que formariam a cultura pop brasileira

Com *O Clube do Rock* de Imperial, uma caravana de artistas impulsionada por suas versões televisiva e radiofônica, uma quantidade cada vez maior de jovens passava a tomar contato com aquela música e com novos padrões de comportamento, que, ao redor do mundo, já espelhavam a consolidação desse público num cenário repleto de modificações políticas e sociais. A parte divertida desses anos turbulentos, repleta de carrões e garotas liberadas embaladas por canções populares, pode ser conferida nos desprezados filmes de Roberto Farias como *Roberto Carlos em ritmo de aventura*.

É *Simonal* foi a tentativa de Domingos de Oliveira de trazer o carisma do cantor para as telas, após o sucesso de sua estréia como cineasta com *Todas as mulheres do mundo*. Simonal, em 1970, era o grande ícone popular do país. Garoto-propaganda, astro que lotava ginásios. Se Erasmo tentava conciliar internamente o prazer que sentia em ouvir *Bill Haley e seus Cometas*, com o fato de adorar João Gilberto, Simonal já surgira como o somatório dessas duas vertentes artísticas. *Crooner* do Beco das Garrafas, Meca da bossa nova, expoente da pilantragem – a mistura de balanço e picardia amplificada pelo tino comercial de Imperial. No final dos anos 1960, Simonal havia elevado à potência máxima o projeto quase juvenil de seu antigo chefe.

Nem vem que não tem – a vida e o veneno de Wilson Simonal, do jornalista Ricardo Alexandre, expõe um personagem que no ápice de sua trajetória – de meados da década de 1960

ao começo dos anos 1970 – só era passível de comparação em termos de popularidade com Roberto Carlos. Muito além do receituário da pilantragem, Simonal era dotado de tal musicalidade que lhe permitia circular pelos mais distintos estilos, com uma capacidade só encontrada nos grandes artistas, como atesta o antológico dueto com a diva do jazz Sarah Vaughan.

Três trajetórias que ora se aproximam, ora bifurcam no coração do Rio de Janeiro, numa das décadas mais interessantes do último século. E antes que você me pergunte qual é, afinal, o papel da quitinete do Catete nesta história, deixe-me retornar a ela para encerrar a coluna, mas nem de longe o manancial dessas histórias.

O jovem Simonal, quando começou a trabalhar com o Imperial, tinha um problema crônico de pontualidade, justificado pela distância da casa de sua mãe, onde vivia, no subúrbio de Areia Branca, em Nova Iguaçu, da Zona Sul. Imperial, mestre em dar nó em pingo d'água, não demorou a encontrar uma solução. Convenceu um jovem aspirante a cantor, vindo de uma família abastada de Minas, a partilhar seu micro apartamento – no Catete – com Simonal, em troca de receber do cantor lições práticas de pilantragem, ou seja, algo como um curso rápido de como se tornar safo no ambiente artístico. Proposta aceita, Simonal passou mais de um ano como hóspede, com direito a regalias de patrão. Dotado de charme para dar e vender, ainda se tornou grande amigo do jovem filho de fazendeiro, Duda, mais tarde conhecido como Eduardo Araújo que, anos depois, justiça seja feita, ficou conhecido como *O bom*.